

COMBATENTES DA LIBERTAÇÃO DEVEM SER A VANGUARDA

«É preciso que qualquer que seja o sector onde estejam afectados, constituam a vanguarda: os soldados mais disciplinados e mais destemidos; os membros mais dinâmicos do Partido; os trabalhadores mais exemplares na produção; os defensores mais firmes e consequentes da linha política do Partido, ideias pelos quais lutavam de armas na mão», disse o Presidente do Partido Frelimo no encerramento da reunião realizada na Beira de 8 a 12 de Junho com os combatentes da Luta Armada de Libertação Nacional. Eis na íntegra o discurso do dirigente máximo da Revolução moçambicana.

Camaradas e amigos moçambicanos,

Queremos recordar algumas coisas desta reunião. Vimos para esta reunião sem agenda prévia. Elaborámos a agenda no decurso desta reunião.

Tinha que ser assim: recriamos aqui o ambiente das zonas libertadas, revivemos momentos belos da nossa luta, revigorámo-nos com a força da palavra que transportava o Povo.

Discutimos franca e abertamente os problemas da nossa Revolução, os problemas do nosso Povo. Fundamentalmente, viemos para discutir qual o destino a dar ao cheiro nauseabundo do cadáver do colonialismo. O inimigo quer fazer ressuscitar o cadáver do colonialismo com a coramina da subversão, da agressão e da sabotagem.

Aqui disseram todos:

— A reacção não passará!

As nossas armas estão prontas para dar, mais uma vez, uma lição gado, de Niassa, de Tete, de Zambézia, de Manica e Sofala. Lição que não assimilou quando Smith foi atirado para o caixote do lixo da História.

Disseram todos que a lição que vão dar é dura, que iremos varrer daqui as ervas daninhas que impedem o crescimento natural do.

Estamos felizes porque saímos mais inspirados pelo calor do nosso encontro, pela convicção do nosso engajamento, pela firmeza da nossa força.

Ponto de partida para se compreender a situação da economia: saber onde viemos, para medirmos o que estamos a fazer e compreendermos para onde vamos.

Vimos da guerra, isto é, herdámos a miséria. Em 1975 havia 2 milhões de pessoas nos campos de concentração. Isso significa destruição da agricultura e pecuária familiar.

Os colonialistas na sua debandada, tinham destruído e pilhado tudo: maquinaria foi destruída e exportada ilegalmente para fora do nosso território. Vacas e crias abatidas. Não havia carne; não havia leite. A avicultura destruída.

Por isso a produção agrícola em 1975, quando proclamámos a Independência, era das mais baixas de sempre.

Para o Povo festejar a Independência tivemos de proceder a grandes importações de cereais, carne e peixe e fazer apelo a países amigos.

A ruína do colonialismo também se manifestava na indústria; roubaram e destruíram muitas máquinas.

A estes aspectos há que salientar a ruptura dos quadros técnicos: o motorista do táxi, do machimbombo, eram portugueses; o dactilógrafo era português; o contínuo era português; o oficial mecânico era português; o maquinista de comboio e de guindaste era português; o professor primário era português; o médico, o analista, o ajudante de farmácia, eram portugueses.

Todos estes fugiram.

A guerra que a Rodésia nos moveu de 1976 a 1980 atingiu profundamente os fracos fundamentos da economia que o colonialismo nos deixou. Ela dificultou a realização dos nossos planos de desenvolvimento. Muitos dos nossos recursos humanos e materiais tiveram que ser desviados para suportar a guerra de agressão. A isto juntou-se a destruição provocada pelas agressões e o que perdemos em receitas com a aplicação das sanções à Rodésia do Sul.

De novo enfrentamos uma situação de guerra provocada pela África do Sul. Em resumo, os últimos anos da nossa história são 20 anos de guerra permanente.

A acrescentar a isto, o nosso País sofre as consequências da crise do sistema económico do capitalismo.

Um barril de petróleo custa hoje 36 dólares. Em 1973 custava 2 dólares, ou seja, 18 vezes menos.

Em 1975 um camião custava 3,5 toneladas de castanha ou 5,3 toneladas de algodão. Em 1980 para comprar esse mesmo camião é necessário 4,5 toneladas de castanha ou 13 toneladas de algodão.

Em 1975 uma tonelada de aço que precisávamos para fazer funcionar as nossas fábricas e oficinas, custava uma tonelada de açúcar. Em 1982 são necessárias 4 toneladas de açúcar.

Apesar disto, a nossa história é uma história de avanços ou de recuos? (Avanços.)

Recuperámos a terra; tomámos conta da economia nacional; nacionalizámos a saúde, os prédios de rendimento, as agências funerárias, o ensino, e abolimos o exercício da advocacia privada. Tomámos conta da banca dos seguros e do comércio externo; do comércio interno e dos principais sectores da indústria.

A VII Sessão do Comité Central decidiu dar prioridade à reconstrução das zonas libertadas, edificar a nossa economia tendo a agricultura como base e a indústria como factor dinamizador.

Desencadeámos o movimento das Aldeias Comuns.

Gabemos como ele é forte, sobretudo nas antigas zonas libertadas.

Vamos agora desencadear a batalha da Cooperativização do campo.

Os Antigos Combatentes devem ocupar a trincheira da cooperativização. Para isso muitos frequentarão os Centros de Preparação de Cooperativistas para fazer nascer, viver e desenvolver as cooperativas.

A agricultura Socialista desenvolve-se com as cooperativas e com as machambas estatais.

Em todas as Províncias já há grandes projectos agrícolas. Nesta sessão já falámos deles.

Por exemplo, nas Províncias em que combatemos, onde pela primeira vez na história já temos uma eficiente rede de distribuição de água, desenvolvem-se:

- O projecto de regadio de Nguri — que poderá produzir 24 000 toneladas de arroz e milho;
- Barragem de Chipembe — que terá 2000 hectares de regadio;
- Projecto de pequenos regadios em quase todas as Províncias;
- O projecto de 400 000 ha que se estende a Niassa, o qual produzirá cereais, gado bovino, cabritos, galinhas, algodão, e prevê-se a instalação de indústria alimentar e de descaroçamento do algodão;
- Têxtil de Montepuez, que produzirá 21 milhões de metros quadrados de tecido;
- Taxmanita, em Pemba, que já iniciou a produção e o seu funcionamento para breve;
- Desenvolvimento da indústria da extracção e preparação de mármore;
- Prosseguem os trabalhos para a prospecção de petróleo e outros minerais na província de Cabo Delgado.

Província de Niassa:

- Complexo agrícola de Matama — que já produz 10 000 toneladas de milho, além de produzir batata, hortícolas e fruta;
- Projecto de Lucheringo — que vai produzir milho, trigo, gado e outros produtos;
- Barragem hidroeléctrica que vai produzir energia eléctrica e servir para regadio;
- Projecto de barragem hidroeléctrica em Cuamba;
- Projecto dos 400 000 hectares;
- Prospecção de carvão e outros minerais;
- Desenvolvimento da pesca no Lago Niassa.

Província de Tete:

- Carvão — prevê-se produzir mais de 2 milhões de toneladas até 1990;
- Complexo Agro-Industrial do CAIA — que se estende até Monequera. Pode produzir agora 24 000 toneladas de milho e ainda produzir batata, pêras, maçãs, melão, pêsegos, morangos, ameixa e outros frutos.

Província de Zambézia:

- Têxtil de Mocuba — que vai produzir 35 milhões de metros quadrados de tecido;
- No Gurúé onde prossegue o plano de reabilitação do chá, já estamos com a maior produção de sempre de chá fêto. Introduzimos o café que vai ocupar cerca de 300 ha, nesta etapa;
- Prevê-se construir no Gurúé uma cidade para trabalhadores;
- Projecto agrícola da Lioma — que prevê produzir 100 000 toneladas de milho por ano em 1980, além de produção de carne de aves, porco, bovinos, leite, queijo, manteiga, iogurte. Desenvolve-se com êxito a experiência para a produção de soja;
- Projecto agrícola de Naulua — que prevê produzir cerca de 80 000 toneladas de cereais, além de outras produções;
- Projecto agrícola de Naute (Vale de Licungo) para a produção de arroz e desenvolvimento de campos experimentais para a produção de sementes de arroz e milho.

Província de Manica:

- Projecto de Hicoma — arranca este ano com a primeira serração de 4000 m³ de madeira por ano. Nos princípios de 1983 iniciará a produção de partículas prensadas, com uma capacidade de 10 000 m³ por ano. Seguir-se-á pré-fabricados de madeira para 1000 casas por ano, produção de mobília em série e calcilheria, portas, janelas e outros produtos em madeira para casas. Entretanto prossegue o estudo para a produção de papel e pasta de papel;
- Projecto Agro-Industrial de Sussundenga e Catandica, que se desenvolverá por uma superfície de 80 000 ha para a produção de trigo e milho, além de batata, hortícolas e gado;



Monte Samora Machel, ladeado pelos três principais responsáveis do Ministério da Defesa Nacional, discursando na Reunião dos Combatentes, realizada na Beira

- Projecto leiteiro de Vanduzi para a produção de leite e indústria de lacticínios que já está em funcionamento;
- Projecto de citrinos — em desenvolvimento podendo brevemente ultrapassar 10 000 toneladas de exportação de citrinos. Também vai ser instalado um complexo frigorífico e reabilitação da fábrica de sumos;
- Projectos minerais — minério de ferro em Honde e em Mavita e de fluorites em Canzixe.

Província de Sofala:

- Complexo Agrícola do Cala — para a produção de algodão e arroz, no vale do Zambeze;
- Indústria de alfaias agrícolas na Beira;
- Projecto de montagem de tractores e camiões.

Estes são apenas alguns exemplos de acções que estão sendo levadas a cabo nas Províncias que suportaram o esforço da guerra de libertação nacional.

Em outras Províncias estão sendo realizados outros projectos que já começaram a evidenciar alguns frutos.

Para garantir o desenvolvimento futuro temos de formar quadros com alta competência no domínio da ciência e da técnica.

Estão a ser realizados esforços especialmente no Ministério da Educação e Cultura. Mas a Educação é tarefa de todos. Todos os sectores estão empenhados na formação de quadros.

Dissemos atrás que os portugueses deixaram-nos com analfabetismo e ignorância.

Estamos a fazer esforços nesta área.

Em 1973 havia cerca de 600 000 alunos nas escolas primárias e secundárias. Hoje são mais de 2 milhões.

Em 1973 havia cerca de 5300 escolas primárias. Hoje temos cerca de 8000 escolas primárias.

Escolas secundárias só havia 60 em todo o País em 1973. Hoje temos cerca de 150 escolas secundárias.

Isto exige um grande esforço. Esforço na formação de professores com capacidade técnica e pedagógica. Professores que vão garantir a formação do homem socialista. de amanhã: quer dizer: formar operários especializados, engenheiros, médicos e investigadores revolucionários, defensores intransigentes do Socialismo e homens prontos a morrer pela Pátria e portanto portadores das gloriosas bandeiras do FPLM.

É isto que bandos armados atacam. O seu alvo são os projectos; é por isso que rapta e atacam professoras, enfermeiras, Secretárias da Célula do Partido, deputados. Eles atacam o nosso presente e o nosso futuro. Querem liquidar os construtores da felicidade do nosso Povo.

Quem são eles?

- São os que sempre lutaram contra a FRELIMO;
- São os mesmos que fugiram para a África do Sul com gado e tractores, depois de destruir fábricas e regadios;
- São os mesmos que nos atacaram em 7 de Setembro.

Podemos ainda dizer que não fizemos nada nestes sete anos de independência? (Não.)

Para avaliarmos correctamente alguns avanços que temos registado nos últimos anos, vamos fornecer alguns números que dimensionam a melhoria do nível de vida:

- em 1973 consumimos 50 mil toneladas de arroz e em 1980 100 mil;
- em 1973 consumimos 116 mil toneladas de açúcar e em 1980 128 mil;
- em 1973 consumimos 15 mil toneladas de carne bovina, suína e de frango, e em 1980 cerca de 20 mil toneladas;
- em 1973 consumimos 15,7 mil toneladas de peixe e em 1980 mais de 40 mil toneladas.

Se a isto juntarmos o facto de o ensino ser gratuito, a saúde gratuita, as rendas de casa das mais baratas do mundo, podemos concluir que, apesar das dificuldades que temos, o nosso Povo já vive melhor.

Os preços dos nossos produtos são dos mais baratos do mundo. Por exemplo:

- pelos ovos que pagamos 45,00 MT a dúzia, custam no Zimbábue 51,00 MT e 120 na Tanzânia;
- pelo pão que custa 2,00 MT, vende-se a 10 no Zimbábue e a 13 na Tanzânia;
- O açúcar custa-nos 18 meticals, vende-se a 30 na Suazilândia e 44 na Tanzânia;
- o arroz que pagamos a 13,50 MT, vende-se no Zimbábue a 61 e a 27 na Tanzânia;
- a batata que pagamos a 9,00 MT, no Zimbábue custa 25, na Suazilândia 22, na Tanzânia 80;
- o óleo custa aqui 60,00 MT, 96 na Suazilândia e 282 na Tanzânia;
- o quilo de bife que aqui é de 150,00 MT, vende-se a 153 na Tanzânia, 158 no Zimbábue e 210 na Suazilândia;

Para manter estes preços, o Estado subsidia estes produtos, gastando anualmente mais de 4 milhões de contos.

Fazemo-lo porque somos um Estado Socialista, os nossos preços beneficiam o Povo, as classes trabalhadoras.

A melhoria do nível de vida do nosso Povo é o objectivo da Revolução, e é a materialização dos projectos que enumerámos que garantirá o futuro do socialismo, trará o bem-estar e a felicidade para o nosso Povo.

Todos nós aqui, somos os construtores da vitória, somos pioneiros da construção do socialismo na nossa Pátria libertada.

Todos nós transportamos a chama da vitória, chama que acendemos quando em Chal fizemos do 25 de Setembro de 1984 o dia de uma longa marcha da libertação.

O fogo das nossas armas fez depor as armas que nos combatiam. A rendição do exército colonial significou a vitória do Povo Moçambicano, significava o termo da missão que fizera de nós os guerreiros da liberdade, os heróis da independência.

Proclamámos a Independência. Começámos a dar conteúdo real à nossa independência. Os guerreiros conquistaram o Poder. Era preciso criar os instrumentos para o exercício desse poder:

- Constituímos o Governo da R.P.M. — o Governo dos guerreiros;
- Criámos o Partido Marxista-Leninista, cujo núcleo dirigente (o Comité Central, o Comité Político Permanente) e a base são constituídos pelos combatentes da liberdade;
- Somos o Partido Frelimo, Partido dos guerreiros;
- O Povo elegeu os deputados. A Assembleia Popular é inspirada pelo exemplo dos guerreiros.

Dizemos isto porque não podemos restringir a noção do guerreiro apenas ao grupo daqueles que foram desmobilizados por doença ou pela sua idade avançada, e daqueles que foram expulsos ou desfeitos por indisciplina.

Guerreiro somos todos nós, combatentes da Luta Armada de Libertação Nacional.

Houve de facto erros que permitiram que alguns guerreiros tivessem sido marginalizados. Mas não tínhamos ignorado os feitos heróicos que praticaram, a glória que transportam como heróis de libertação.

Já começámos a corrigir essas situações. Já demos os primeiros passos para a reabilitação de muitos.

De novo nos incorporamos na luta contra os bandidos, na expulsão dos infiltrados no Aparelho de Estado, no desmantelamento de redes de elementos infiltrados.

Esta é uma tarefa da Revolução, tarefa de guerreiros.

Que fique bem claro: vocês não são «lixo do Ministério da Defesa». Vocês são os heróis da Luta de Libertação Nacional, vocês são o orgulho do nosso Povo, a honra da nossa Pátria libertada, a história das FPLM. É preciso que qualquer que seja o sector onde estejam afectados, constituam a vanguarda:

- os soldados mais disciplinados e mais destemidos;
- os membros mais dinâmicos do Partido;
- os trabalhadores mais exemplares na produção;
- os defensores mais firmes e consequentes da linha política do Partido, ideais pelos quais lutavam de armas na mão.

Vamos criar a Secretaria de Estado dos Antigos Combatentes. Vamos também criar uma comissão preparatória para a constituição da Liga dos Antigos Combatentes.

Muito obrigado pela análise brilhante e profunda, pela sinceridade, pela verdade que foi dita.

Essa verdade e franqueza constituiu o segredo do sucesso da reunião. A verdade fustiga e dói, mas é revolucionária. A mentira é reacçãoária.

Obrigado pela vossa coragem, porque carregam o Povo no coração.

Vocês representam a pureza da nossa linha, a pureza dos nossos ideais.

A LUTA CONTINUA!



Centenas de combatentes da Luta Armada de Libertação Nacional participaram numa reunião na Cidade da Beira